

Professor Euripedes Malavolta  
Lembranças redigidas pela filha Ligia Malavolta

O que dizer de um pai de cinco filhos?

Primeiro que um pai de cinco filhos é na verdade “cinco” pais diferentes...

Foram inúmeras as vezes que ouvi meu pai dizer: “Tenho cinco filhos, iguais aos meus dedos da mão, um totalmente diferente do outro”.

Portanto, não poderia ser diferente, se vou falar do meu pai, será do MEU pai que falarei e não do pai da Lucia ou o da Fernanda ou o do Marcelo ou o do Giampaolo.

Lembranças da Infância -

Quando ele chegava de viagem, a abertura das malas era o momento mais esperado e hoje vejo com uma clareza que na época eu não percebia, que a alegria dele, nos vendo encontrar os presentes escondidos entre suas roupas, era muito maior que a nossa alegria de encontrar os presentes!

Uma coisa que ele me ensinou, ainda pequena, foi dar impulso no balanço pendurado numa árvore. Até hoje, quando vejo um balanço não resisto, me sento, me balanço e me lembro dele.

Beber Coca Cola no gargalo também foi algo que ele me ensinou! Me lembro como se fosse ontem, nós dois no prédio da “Chimica” num domingo. Lá havia uma geladeira com refrigerantes e ele me deu uma garrafa de Coca Cola e me ensinou dizendo: “Beba como se fosse um copinho”. Eu era muito pequena, talvez por volta dos cinco anos.

Outra lembrança que permaneceu, era a maneira dele nos acordava de manhã, para irmos para o colégio. Ele passava a mão gelada no nosso rosto.

Desde essa época, preparava o café da manhã para gente, sempre com suco de laranja espremido na hora, café, leite, pãozinho, etc..

Ele preparou o café da manhã durante toda a sua vida, até enquanto conseguiu...

Lembranças da adolescência:

Ele foi um pai extremamente rigoroso e preocupado com nossa educação acadêmica. impossível me esquecer das “sabatinas”. Todos os sábados, pegava nossos cadernos, os meus e os da minha irmã mais velha, Lucia e elaborava questões a respeito de tudo o quê havíamos

aprendido durante a semana no colégio Assunção. Eram questões para responder, problemas para resolver, um verdadeiro suplício para nós naquela época. E só depois de tudo respondido e resolvido, é que tínhamos nossa tão esperada “semanada”, sim, não recebíamos mesada e sim semanada!

Isso durou alguns anos, mas a adolescência nos tornou rebeldes e conseguimos por um fim no “suplício”. Não lembro muito bem como acabou, só sei que não foi de uma hora para a outra. Hoje acredito que a finalidade disso tudo era mesmo nos ensinar a estudar e com a melhora nas notas do boletim, conseguimos nossa “alforria”!!

Meu pai sempre foi muito religioso, ir `a missa todos os domingos era obrigatório! Quando criança, íamos sem questionar, mas era terrível ter que ficar quieta mais de uma hora, sem conversar, sem falar, prestando atenção no que o padre falava, sem entender muito bem do que se tratava. E nessas horas, os ataques de riso dentro da igreja, eram fatais! De repente, minhas irmãs e eu não podíamos nos olhar, pois era o suficiente para cairmos na risada e lógico, levarmos bronca.

Quando aprendi a dirigir, por volta dos 14 - 15 anos, meu pai me convidava para ir à missa com ele, com a promessa de que eu voltaria guiando para casa. Impossível recusar tal convite! Tudo valia a pena para poder dirigir o Opala quatro portas com cambio na direção! Ele não me ensinou a dirigir, mas com certeza me deixou praticar muito antes de ter idade para tirar a carteira de habilitação.

Lembranças da juventude/maturidade.

Meu pai sempre viajou muito a trabalho, congresso, simpósios , etc.. mas nunca quis que fossemos levá-lo para o aeroporto, mas buscá-lo era o meu maior prazer!

A viagem mais longa que ele fez, foi para a China, ficou quase um mês fora, nunca senti tanta saudade dele e esperá-lo no aeroporto foi algo pra lá de emocionante!

Durante muito tempo, era eu quem ia buscá-lo. Ele entrava no carro, contava sobre a viagem, sobre o que vira e conheceu e em seguida se calava, quando eu olhava para ele, já estava cochilando, as vezes acordava já perto de Piracicaba.

Era eu também que o levava para as visitas de Natal em Araraquara. Visitávamos nossos parentes, primas e primos, amigas e as freiras do colégio onde ele estudou.

Ele adorava a época de Natal. Fazia questão de definir o cardápio do nosso almoço do dia 25, ia pessoalmente às compras.

No final de novembro, já começava e perguntar quando íamos montar a árvore de Natal! Eu e minha irmã mais nova, esperávamos ele ir dormir, para montarmos a árvore e enfeitarmos a casa. Quando ele acordava no dia seguinte, encontrava tudo lindo e se encantava, como uma criança!

Outro fato que gravei na memória, foi quando comprei meu primeiro cavalo. Ao contar para ele e dizer o quanto custou a reação dele foi dizer : “Gastou essa fortuna num cavalo? E se ele for picado de cobra? Você perde esse dinheiro!” E minha resposta foi bem simples: “Até uma cobra pica-lo, eu terei o meu cavalo!”. Uns anos depois, esse cavalo veio a morrer, (não de picada de cobra) e eu quase morri de tanto chorar. Na época eu trabalhava no Cena com ele e todas as vezes que eu ficava sozinha no laboratório e me lembrava do meu LLamarada, começava a chorar... Ele não podia me ver triste, muito menos chorando. E num dia ele me pegou chorando e passando a mão na minha cabeça, me disse: “Procura outro cavalo filhota que o papai te ajuda a comprar”. Daí a uma semana eu estava com meu Igor!

Meu pai amava os animais, principalmente cachorros e gatos. No Cena ele alimentava os vira-latas que apareciam e os defendia com unhas e dentes.

Ele sempre foi meu porto seguro, eu sempre soube, mesmo sem grandes demonstrações de carinho, de ambas as partes, que poderia contar sempre com ele.

Nossa ligação era muito forte, ele pressentia quando eu estava angustiada e me ligava para saber como eu estava.

Quando me convidaram para dar aulas no Senac, fui conversar com ele, pois estava muito insegura. Ele me disse: “Se você consegue ensinar um cavalo, como não conseguiria ensinar pessoas?”. E foi dito e feito, dei aulas por mais de 13 anos.

Havia muito respeito entre nós.

Nunca levantamos a voz um para ou outro. Disso eu me orgulho, pois nunca na minha vida faltei-lhe com respeito.

Nosso ponto de discórdia sempre foi "meus namorados".

Ele simplesmente ignorava todos! Não cumprimentava, simplesmente ignorava. Nunca cheguei à uma conclusão do que ele sentia, se era ciúmes da filha ou se achava que ninguém era bom o suficiente para mim...

Eu já tinha com pouco mais de 30 anos, quando ele me disse : "Não entendo porque você insiste em namorar. Já não deu para perceber que não dá certo?" A isso não respondi nada, não queria discutir com ele, apenas escrevi uma cartinha e deixei na mesa do café da manhã dizendo que enquanto o meu namorado for companheiro para passear, jantar, viajar,

dar risadas, eu manteria o namoro, quando isso acabasse, arrumaria outro e depois outro e assim por diante.

Nunca mais meu pai tocou no assunto “namorados”.

Talvez o fato de eu ter sido a filha que menos dor de cabeça deu a ele, seja um dos motivos da nossa ligação.

Uma característica dele como meu pai, foi ser super protetor.

Sempre se empenhou de me poupar de qualquer aborrecimento ou preocupação.

Quando fui fazer meu estágio no Hotel Gran Meliá de Sao Paulo, ele preferiu me pagar um taxi diariamente só para eu não ter que guiar em São Paulo para ir e voltar do hotel.

A sua preocupação de me poupar de qualquer tipo de sofrimento era tão forte, que o dia que cheguei no Cena para tomar um cafezinho com ele e o encontrei numa cadeira de rodas, ele imediatamente, ao ver meu susto, já foi me consolando dizendo que estava tudo bem, que eu não tinha com o que me preocupar, que ele estava bem, etc..

E assim foi durante seu declínio físico. Ele se esforçava para parecer bem para mim, nunca se queixou absolutamente nada!

Eu estive com ele até seus últimos momentos. Estava com ele no quarto do hospital quando ele, com muito dificuldade de falar, me pediu um café. Saí para tentar conseguir uma xícara de café para ele e quando estava voltando percebi um movimento no seu quarto. Estavam levando-o para a UTI, de onde partiu para sempre.

Hoje, relembro isso, acredito que a última xícara de café, talvez tenha sido a sua maneira de me poupar, mais uma vez, do sofrimento de vê-lo partir.

E esse foi o Pai da Liginha Malavolta.